

# Doenças tropicais e jornalistas: cada vez mais próximos?

*Tropical diseases and journalists: are they getting acquainted?*

**Isa Alves**

Consultora de Comunicação  
Instituto de Higiene e Medicina Tropical – Universidade NOVA de Lisboa

## Resumo

É missão do Gabinete de Comunicação e Marketing partilhar com a sociedade o conhecimento produzido nas diversas áreas de intervenção do IHMT. Uma importante vertente da transferência deste conhecimento assenta num relacionamento continuado com os media, em que o Instituto se tem afirmado como uma das principais fontes de informação credíveis, num esforço continuado de sensibilizar os jornalistas para a importância das questões da saúde global e da medicina tropical. Para incentivar a produção jornalística nestas áreas, muitas vezes secundarizadas, o IHMT instituiu, em 2014, o Prémio de Jornalismo em Saúde Global e Medicina Tropical, a atribuir bienalmente no âmbito do Congresso Nacional de Medicina Tropical. A secção dedicada à Comunicação, que se inaugura nesta edição dos Anais, contempla textos produzidos pelos três vencedores do Prémio, sobre o VIH, malária e ébola, bem como o contexto ou as motivações que os originaram. Estas correspondem também a áreas de intervenção prioritária e de partilha do conhecimento do IHMT. Para o Instituto, é fundamental continuar a sensibilizar os jornalistas para a importância de não ignorarem, na sua ação, os problemas de saúde que atingem as populações mais vulneráveis, para que o jornalismo preserve, assim, o compromisso de uma atuação orientada pelos valores da humanidade, equidade e justiça.

### Palavras Chave:

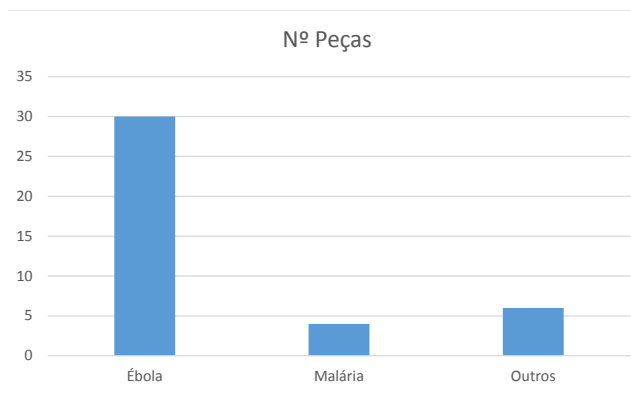
Doenças tropicais, saúde global, comunicação, meios de comunicação, jornalismo.

## Abstract

The IHMT's Marketing and Communication Department aims at sharing with society the produced knowledge within the Institute's intervention areas. Relationships with journalists play an important role in this knowledge transfer process, and they are maintained through a continuous contact with the media, whereas the Institute is often considered one of the most important and credible sources of information as a result of a permanent effort in raising awareness to global health and tropical medicine topics. To promote journalist's production on these often overlooked subjects, IHMT has launched in 2014 a biennial Journalism Prize on Global Health and Tropical Medicine, to be handed out during the National Congress on Tropical Medicine. This edition's Chapter on Communication includes the three prize-winners texts about the context or motivations that led them to publish the awarded articles on HIV, malaria and the Ebola virus. These also correspond to IHMT's priority intervention and knowledge transfer areas. It is paramount for the Institute to keep raising journalists' awareness for not overlooking the health problems that still afflict the most vulnerable populations, for it is necessary that journalism keeps preserving in its practices the values of humanity, equity and justice.

### Key Words:

Tropical Diseases, global health, communication, communication media, journalism.



É missão do IHMT promover atividades de ensino, investigação e intervenção a nível dos sistemas de saúde com o objetivo de contribuir para a diminuição da mortalidade e morbilidade associadas às doenças tropicais, em particular junto das populações mais pobres e vulneráveis, procurando que estas doenças se tornem cada vez menos negligenciadas.

Desde a sua constituição, em 2013, o Gabinete de Comunicação e Marketing do IHMT tem atuado no sentido de posicionar as doenças tropicais na agenda mediática e pública, com o objetivo de contribuir para que alcancem uma visibilidade mais equitativa no que concerne à cobertura jornalística em torno das doenças e patologias. Como resultado deste trabalho, inaugura-se este ano, na presente edição dos Anais, uma secção específica dedicada às atividades e resultados de comunicação, em particular os relacionados com os media e com a divulgação das doenças tropicais à sociedade, numa lógica de partilha do conhecimento.

O trabalho de sensibilização dos media realiza-se diariamente através de uma relação de proximidade com os jornalistas, disponibilizando-lhes informação científica credível e um acesso, em permanência, a fontes fidedignas de informação, capazes de esclarecer e informar sobre as mais diversas patologias de origem tropical ou subtropical.

Como resultado desta atividade, entre fevereiro de 2013 e agosto de 2015, foram difundidas 1150 notícias nos órgãos de comunicação social, elaboradas com a colaboração de profissionais do Instituto ou na sequência de ações por eles promovidas.

Com o objetivo de incentivar a produção jornalística em torno de temas, muitas vezes, negligenciados, como são no geral as doenças tropicais, o IHMT instituiu um prémio bienal de jornalismo em Saúde Global e Medicina Tropical, a atribuir no âmbito do Congresso Nacional de Medicina Tropical. Em 2014, e em colaboração com a Associação de Amigos e Alunos do IHMT, o prémio foi atribuído pela primeira vez, com a parceria da Casa da Imprensa. O regulamento da primeira edição determinou a aceitação de todos e quaisquer trabalhos jornalísticos desenvolvidos dentro da referida temática, difundidos em televisão, rádio, imprensa e *online*, tendo-se, contudo, estipulado que, em edições futuras, a temática será segmentada de acordo com o tema a adotar pelo Congresso.

Foram recebidos 40 trabalhos a concurso. Tendo em conta a epidemia de ébola, que deflagrou na África Ocidental, alarmando a comunidade internacional em 2014, era expectável que muitos trabalhos submetidos focassem este tema (N=30). Cinco trabalhos abordaram ainda o tema da malária e os restantes versaram temáticas diversas como o vírus da imunodeficiência humana, a dengue e as infeções hemorrágicas, e a poliomielite.

Além da entrega do prémio, o regulamento previa a atribuição de menções honrosas, tendo a qualidade dos trabalhos a concurso justificado, na opinião do júri, a concessão de duas.

O primeiro prémio foi entregue a um trabalho invulgar, da autoria da infografista do jornal Público Cátia Nabais Mendonça, que explica, de forma interativa e criativa, as origens do vírus da imunodeficiência humana, em Kinshasa, em 1920. Com o título "VIH: O vírus que apareceu em Kinshasa em 1920 e alastrou para o mundo inteiro", o trabalho, publicado a 30 de novembro no *site* do Público para antecipar o Dia Mundial de Luta Contra a Sida (1 de dezembro), é composto por cinco módulos interativos. Nos módulos, encontra-se informação sobre a origem do vírus e sua propagação no tempo e no território, com recurso a elementos visuais sob a forma de mapa, bem como sobre os mecanismos de atuação do vírus, as vias de contágio e dados estatísticos sobre a prevalência e distribuição, tanto em Portugal e no mundo.

Na perspetiva do júri do Prémio, a opção pela infografia multimédia permitiu veicular, de forma acessível e simples, informações de natureza científica que ganhariam maior complexidade se descritas apenas textualmente. Nas palavras da autora, este tipo de linguagem gráfica "facilita a comunicação e amplia o potencial de compreensão por parte dos leitores, permitindo uma visão geral do acontecimento, pormenorizando informações menos familiares ao público".

As duas menções honrosas foram atribuídas, respetivamente, ao trabalho "Malária volta a preocupar em Portugal", da autoria da jornalista Vera Lúcia Arreigoso, e publicado na edição de 6 de setembro de 2014 do semanário Expresso, e ao jornalista Luís Fonseca, chefe da delegação da Agência Lusa na Guiné-Bissau, na sequência de um conjunto de reportagens sobre a doença do vírus Ébola e seu impacto na vida e perceções da população guineense, veiculadas em agosto de 2014, em vários órgãos de comunicação social.

O trabalho sobre a malária foi espoletado por uma vivência pessoal da jornalista: uma colega de escola morreu de malária, em Angola. Por falta de expectativas de trabalho em Portugal, foi trabalhar para Talatona, e um mês e meio depois de aterrar em Luanda adoeceu com malária, que se revelou fatal. A estranheza que esta situação lhe provocou, levou-a a procurar respostas para a inquietante pergunta: no século XXI, ainda há portugueses que morrem de malária? Para publicar a reportagem, a jornalista falou com as autoridades nacionais, investigou os números, os internamentos, a subnoti-

ficação e as atitudes e descuidos na prevenção, para concluir que a crise também apanhou os médicos de surpresa. Só em Angola, há 150 mil portugueses. Os profissionais de saúde têm que estar preparados para dar uma resposta adequada a estes viajantes. A formação em doenças tropicais é, mais do que nunca, uma prioridade.

No decorrer do mês de agosto de 2014, à medida que a epidemia do Ébola alastrava na África Ocidental, as lentes dos media portugueses pousaram na Guiné-Conacri e Guiné-Bissau, temendo que o surto pudesse alastrar nos dois países, aumentando o nível de ameaça internacional. Luís Fonseca, o chefe da delegação da Agência Lusa na Guiné-Bissau, acompanhou a situação no terreno e constatou a verdadeira realidade: o contraste marcado por retratos de um quotidiano normal, na Guiné-Conacri, com o medo que alarmava o resto do mundo. Num país pobre, em que no dia-a-dia da população o conceito-chave é a sobrevivência, a tantas e diferentes tragédias, a doença causada pelo vírus ébola é apenas mais uma "contrariedade", já que a malária ou a diarreia, por exemplo, continuam a ser muito mais fatais.

Os três trabalhos premiados focam temáticas díspares. Contudo, têm em comum a qualidade de abordarem temas de incontestável interesse público, que correspondem também a linhas prioritárias da intervenção do IHMT na procura de soluções para problemas de saúde global: a) o maior conhecimento da atuação do vírus da imunodeficiência humana e a procura de novas armas terapêuticas e profiláticas (vacina); b) a incessante luta contra a malária, nas suas diferentes vertentes (melhoria da prevenção, controlo das populações de vetores, investigação da relação parasita-hospedeiro); e c) a criação de uma equipa de missão para dar apoio aos ainda frágeis sistemas de saúde dos países africanos de língua portuguesa em risco de importar casos de Ébola.

Convidámos os três autores a darem o seu testemunho sobre os trabalhos que desenvolveram, bem como a partilharem a sua perspetiva pessoal, e de profissionais da comunicação, sobre as temáticas em causa, constituindo esses artigos os textos que compõem esta nova secção.

Os jornalistas são dos mais importantes mediadores de informação com a sociedade. Embora não possam ou não devam imprimir aos seus textos factuais uma visão pessoal, esta desempenha um papel no processo de filtragem da pertinência dos temas a abordar, em particular quando nos referimos a assuntos que, sendo inegável o seu interesse público, são habitualmente esquecidos ou negligenciados pela imprensa. É ainda fundamental que estes profissionais deem voz aos mais frágeis e aos problemas que os afligem, e que procurem, por seu turno, sensibilizar a estrutura da redação onde estão inseridos – os editores, os chefes de redação e os diretores, para que do jornalismo não desapareça uma linha de atuação que se preocupa com a humanidade, com a equidade e com a justiça.

## Notas biográficas dos Premiados

### Cátia Nabais Mendonça

#### Público

#### (1º Prémio)

Cátia Nabais Mendonça licenciou-se em Design Gráfico e Multimédia pela Escola Superior de Artes e Design, nas Caldas da Rainha, e concluiu o Mestrado em Audiovisual e Multimédia, na Escola Superior de Comunicação Social. Foi em Bergen, quando estudou na Noruega, que ganhou paixão pela infografia, visualização de dados e cartografia. Trabalha como *designer* desde 2005, tendo-se especializado em infografia no jornal Diário de Notícias, onde trabalhou durante dois anos. Desde 2011, é infografista no jornal Público.

### Vera Lúcia Arreigoso

#### Expresso

#### (Menção Honrosa)

Começou a escrever em jornais regionais quando ainda estudava Comunicação Social no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Terminou o curso em 1998 e fez estágios no Diário de Notícias, numa produtora de televisão e no Expresso, depois de responder a um anúncio. Entrou em 1999, como aprendiz, e foi ficando. Acompanha os temas de Saúde, tem uma pós-graduação na área, aprendeu escrita narrativa no *Poynter Institute*, nos EUA, e tem formações sucintas em diversas doenças e práticas médicas.

### Luís Fonseca

#### Agência Lusa

#### (Menção Honrosa)

Iniciou-se no jornalismo na década de 90 na Covilhã em órgãos locais e como correspondente do Jornal de Notícias. Entrou na Agência Lusa em março de 2001. Realizou trabalhos multimédia na China, Israel e em diferentes países europeus. Desde julho de 2013, é chefe das delegações da Lusa e da RTP na Guiné-Bissau. Estuda *Design Multimédia* na Universidade da Beira Interior.